

QUEM CALA (CON)SENTE? REFLEXÕES POSSÍVEIS SOBRE O SILÊNCIO DE ALGUNS PERSONAGENS DO CINEMA A PARTIR DE IDEIAS DE WALTER BENJAMIN

Micheline Moraes¹

O silêncio é uma linguagem, por vezes, inaudível. Mas o silêncio não é tão mudo como talvez se possa imaginar. Ele é uma impossibilidade de falar o que o coração sente, uma impossibilidade de expressar o que salta aos olhos. Por vezes, apenas uma impossibilidade. Quem cala consente? Nem sempre. Quem cala pode não estar conseguindo falar. De outra forma, já disse Camilo Castelo Branco, que tantas vezes usou o silêncio em seus romances, que “O silêncio é uma confissão”.

Os filmes que servirão de pano de fundo para a reflexão que aqui se pretende parecem ter isto em comum: um silêncio que é impossibilidade, um silêncio que grita. É sempre a presença da ausência de linguagem, muito distinto de nada dizer. Tudo indica que, nesses filmes, quem cala (con)sente que nada deve ou que nada pode dizer.

De que falam os silêncios? O que simbolizam? Que relações expressam? É o silêncio tão capaz de mediar como a linguagem, ou tampouco é mediação alguma? De que tipos de silêncios sofrem os humanos? Soube o cinema representar distintos silêncios?

Guardando silêncio em “O milagre de Anne Sullivan”

Baseado em fatos reais, o filme “O milagre de Anne Sullivan” (2000), de Nadia Tass, que se passa em 1886, é o relato da descoberta da linguagem verbal feita por Helen Keller, uma menina cega e surda (ou surda e muda conforme imaginam que ela antes de encontrar a professora). Ela é a caçula de uma família rica. Pelos pais, é tida como um bibelô, e a mãe a quer sempre protegida, a agrada, faz todas as suas vontades.

Logo no início do filme, Helen mostra ser muito capaz de aprender, tem várias rotinas estabelecidas, mas é bastante mimada, desagradável e pouco amável. Tem realmente um aspecto e um comportamento doentios. É tratada com pena. Por tudo isso, o pai de Helen contrata uma professora para ela. Essa professora percebe a impossibilidade de ensiná-la no seio familiar, já que a família a impede de prosseguir com seus métodos. A educadora de Helen — Anne Sullivan, também quase cega — não se contenta com o fato de a aluna ser capaz de reproduzir a soletração das palavras com as mãos sem que entenda o significado real do que soletra. O pai desacredita Anne e almeja ter sua casa silenciosa novamente, demonstrando um apreço pelo silêncio, pela mudez da filha.

Com muito esforço da professora, Helen faz muitos progressos, mas não consegue realmente aprender a se comunicar, a traduzir qualquer ideia para a língua de sinais. A professora passa os dias soletrando o nome das coisas na palma da mão de Helen através do alfabeto em libras. No fim, em uma cena emocionante, Helen começa a associar o nome das coisas às coisas em si. Ela entende a relação entre o nome e o seu significado, mostrando-se capaz de nomear tudo o que está em seu redor. Então, ela entende a função da linguagem, e quebra-se o silêncio.

¹ Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Porto Alegre, Rios Grande do Sul, Brasil. E-mail: michemoraes@yahoo.com.br.

Um silêncio de morte em “O garoto selvagem”

Também baseado em fatos reais, o filme “O garoto selvagem” (1970), de François Truffaut, conta a história de Victor, um menino que consideram selvagem por ter sido encontrado vivendo solitário em uma floresta na França. Todos acreditam que ele tenha sobrevivido ao ser criado por lobos. Entretanto, apesar dos aparentes esforços de seu professor, ele segue selvagem. Isso talvez por a linguagem não lhe ser verdadeiramente ensinada, mas apenas truques; e a sua linguagem anterior ter sido anulada, desconsiderada, em primazia a uma cultura nova para ele. Não lhe é dada a possibilidade de se tornar humano, não na nova cultura em que pretendem que ele possa se inserir. Parece que ele tem apenas “o direito de permanecer calado!” Victor não tem voz, muito embora vocifere. Não tem uma identidade. É tratado como se fosse um experimento ou um animal. Seu professor parece não acreditar na capacidade de seu aluno de aprender. Assim, o menino aprende a pedir leite, a encontrar leite e a mostrar algumas letras, associar algumas palavras a coisas, mas jamais compreende a verdadeira função da linguagem como conseguiu fazer Helen. Ele não expressa ideia ou pensamento. Apenas responde a estímulos, como se fosse realmente um pequeno e frágil animal treinado. As tentativas de estabelecer vínculos com outras pessoas que com ele convivem também são frustradas: ele foge, tenta voltar para a sua antiga vida, como faria um animal contrariado, colocado em um habitat em que não consiga interagir.

Algumas ideias de Walter Benjamin e o silêncio das personagens: uma reflexão possível

Nos ensaios “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” (1916) e “A tarefa do tradutor” (1921), Walter Benjamin esclarece algumas de suas concepções acerca da linguagem. A linguagem reflete o próprio mundo, e não se constitui um meio, um instrumento para a expressão das ideias. A linguagem essencial é a que funda as coisas no sentido de que os nomes são carregados da própria coisa nomeada. A linguagem não seria a mediação, não reflete algo, mas é a coisa. Nomear é evocar a própria coisa. Assim, a essência da coisa está na sua nomeação. É a linguagem adâmica. É a linguagem divina, pois Deus, ao criar as coisas do mundo, as nomeia; e essa tarefa cabe depois ao homem também, que o faz de modo falho. Para que se conheça qualquer coisa cabe, então, partir do mundo já enformado pela linguagem. Essa parece ser a tarefa de Helen. O espírito das coisas está nos seus nomes, e só os objetos e as coisas denominadas é que poderão ser conhecidos. Da linguagem dependerão quaisquer perspectivas espirituais do mundo, e o modo de concebê-lo e apreendê-lo depende de um sustentáculo linguístico. Victor, o garoto selvagem, estaria por isso destinado a não conceber ou não apreender o mundo. As muitas coisas do novo mundo em que inserido nunca terão um real significado para ele, dado que é incapaz de nomeá-las e de perceber a função desse próprio ato.

No ensaio “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” (1916), há uma ideia cara a Benjamin: a de que onde houver vida espiritual, haverá linguagem, sendo, porém, a linguagem do homem, a língua, a expressão verbal, uma linguagem articulada. Não se pode, contudo, reduzir a linguagem a essa linguagem do homem. A expressão da dimensão espiritual está nas coisas; há a linguagem das próprias coisas. Não haverá, entretanto, uma linguagem única, apesar de as coisas todas terem uma linguagem, uma linguagem essencial, diferente daquela arbitrária. Assim, como todas as coisas são dotadas de uma linguagem, são dotadas necessariamente de espírito, e vice-versa. Ideia por demais relevante está no fato de não poder, no entanto, confundir a essência das coisas com sua linguagem. A linguagem não é a exteriorização da essência, mas há, sim, é uma dupla essência posta lado a lado: a da linguagem e a das coisas. São duas essências em duas instâncias. A essência das coisas se manifestará “na”

língua. Logo, a linguagem “comunica a própria essência das coisas”. A linguagem não deve, contudo, ser entendida como algo que comunica a essência da própria linguagem, o que seria uma tautologia. Mas a essência espiritual tem uma potencialidade de ser comunicável na medida em que participa da essência espiritual das coisas.

Chegamos, então, há uma possibilidade de interpretar o silêncio como uma linguagem que comunica algo também. Se o espiritual é comunicação na essência linguística, a negação da expressão linguística — o silêncio — pode ser entendido, de certa forma, como uma linguagem ou mesmo como uma necessidade de negar a essência espiritual, ou velá-la, ou escondê-la. O silêncio, desse modo, comunica algo (mais ou menos intencionalmente), é uma negação da verdadeira essência ou uma necessidade de escondê-la. Mas provavelmente há uma dupla comunicação; no silêncio, há uma linguagem.

Outra reflexão interessante reside no fato de, para Benjamin, a ideia poder ter algo simbólico na essência da palavra, mas a linguagem não poder ser reduzida somente à comunicação do mundo. Se qualquer coisa no mundo tem linguagem, as coisas e os animais os têm, e também aquele que não nomeia tem. Talvez esse possa ser o caso de Victor, que, sem uma língua, tem uma linguagem. Também a linguagem de Victor não parece ser unidade. Também Victor não terá sua essência entendida, mas negada. A essência de Victor, mesmo que olhada a partir de nossa cultura, existe, mas talvez a coisifiquemos. No momento em que o garoto recebe um nome, sua essência de ser humano é inserida na nossa cultura, na cultura humana. Victor recebeu um nome, mas não está no mundo por isso. Para ele, esse nome não significará ele no mundo. Isso, se significava para os outros ao seu redor inseri-lo no mundo, não possibilitou e não garantiu que fosse considerada a linguagem que ele já tinha. Pelo contrário. O professor de Victor desejava que o garoto nomeasse o mundo a partir dos nomes humanos, os nomes dele, professor. Como Victor poderia fazê-lo se conhecia tão pouco da essência das coisas desse novo mundo, dessa nova cultura em que é forçado a se inserir? Se Victor pudesse nomear as coisas, não conheceria a essência delas. Também não conheceria a linguagem e a sua função. O destino de Victor é ser o garoto selvagem, aquele que tem linguagem, mas que desconhece a sua essência como fundadora das coisas, inclusive dele próprio.

Particularmente importante em “A tarefa do tradutor” é a concepção da tradução como um tipo singular de leitura. Talvez fosse possível, então, propor o silêncio como uma possibilidade também infinita de leituras. Um silêncio que pode dizer tudo, mas que, ao ser quebrado, direciona mais para um significado. O silêncio seria a de uma opção por não dizer uma coisa só, a mudez fala de inúmeras possibilidades, mas não é a não-linguagem. Isso é bastante claro em todos os personagens que são revelados nos filmes selecionados.

Na concepção benjaminina, a linguagem é em si já tradução, uma tradução da linguagem das coisas para linguagem humana. O professor de Victor não é capaz de perceber isso. Esse professor nega haver uma linguagem qualquer em Victor, incapaz que é de qualquer tradução. Do ponto de vista da traduzibilidade das coisas, talvez Victor precisasse ter ser mundo destruído, como quem destrói um texto anterior para reconstruir outro. Pelo menos, construir uma nova cultura era necessário, mas essa construção não foi feita. O novo mundo foi despejado, imposto. Uma nova identidade não fora construída.

Pensem sobre Helen Keller e como ela se apropria de uma linguagem. Se traduzir a linguagem das coisas para a linguagem humana, como quer que pensem Benjamin, requer não apenas transformar ou verter em sonoro o que é mudo, mas nomear as coisas, a professora de Helen foi capaz de fazê-la compreender a função de nomear as coisas. Helen tinha uma linguagem, mas não conhecia o nome das coisas, só conhecia a essência das coisas porque com todas elas ela se relacionava. Pois bem: a garota cega e surda não conhecia a sonoridade e a nomeação das coisas, tampouco a possibilidade de nomear em si, mas conhecia as coisas, e a professora a fazia conhecer cada vez mais em um processo organizado. Ao mediar as coisas e

o mundo para Helen, apresentou também a linguagem e tirou Helen de seu silêncio. Um silêncio de desconhecer a possibilidade de linguagem como traduzibilidade da essência imanente das coisas. Helen conheceu as coisas e, depois disso, as “re-conheceu. A professora de Helen considerava que sua aluna conhecia o mundo em parte, mas que precisava de uma organização de uma mediação sua para reconhecer e para sair da mudez sobre o mundo. Assim, no que acontece com a jovem Helen Keller, pode-se ver uma analogia. No meio instrumental (*Mittel*) e no meio contextual (*Medium*), temos a própria linguagem: a capacidade mágica de recriar o mundo, uma linguagem que, ao mesmo tempo, é instrumento enquanto funda o mundo. Por isso, no filme, a cena em que Helen finalmente reconhece a natureza da água a nomeando nos toca particularmente. Na cena, temos uma condensação dessa magia que provavelmente em outros seres humanos não é tão absolutamente pontual, já que aprendemos a nomear sem nos conscientizar desse processo que é um *continuum*. Se não é um momento de milagre, lembra muito um. E a menina deixa o silêncio para trás.

Algumas considerações

Para Benjamin, as coisas têm uma mudez natural que é traduzida para a sonoridade da linguagem humana. Porém, a mudez das coisas as deixa inacabadas, e a tradução dessa linguagem das coisas será imperfeita. A linguagem humana, que as nomeia de modo falho, revelará as coisas, mas permanecerão igualmente inacabadas. Parece que entre o silêncio falho e a sonoridade o homem opta por revelar o seu caráter de humanidade.

Benjamin constrói um esclarecimento, por fim, definitivamente precioso para estas reflexões. Depois do pecado original, a natureza deixa de ser abençoada, pelo que certamente se lamentaria se pudesse expressar-se, e o lamento é a “mais impotente expressão da língua”. Na tristeza da mudez das coisas e na tristeza que torna as coisas mudas, talvez se pudesse construir uma síntese para todos os silêncios das personagens. Helen e Victor padecem de uma tristeza da mudez, de uma natureza que lhes é imposta de terem permanecido mudos, mesmo não sendo incapazes de comunicar. Nessa genial ponderação, se fecha o raciocínio sobre a necessidade de comunicar, pois é a linguagem imperfeita do homem transformadora enquanto os silêncios possivelmente um consentimento com qualquer outra coisa.

Referências

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: _____. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2011.

_____. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. In: _____. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Antropos, 1992.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1985.

LAGES, S. K. “A tarefa do tradutor” e o seu duplo: a teoria da linguagem de Walter Benjamin como teoria da traduzibilidade. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5378/4924>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

POIANA, F. A. Walter Benjamin: Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** [online], 2012, n. 40, p. 257-260.

VIANA, F. B. **Notas sobre a linguagem essencial em Walter Benjamin**. Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/cad10/fabiano_barboza.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.